Petrópolis: Ed. Vozes Ltda, 2006.

LUCK, Heloísa. Gestão da cultura e do clima organizacional da escola. Petrópolis: Ed. Vozes Ltda, 2010.

LUCK, Heloísa. Liderança em gestão escolar. Petrópolis: Ed. Vozes Ltda, 2008.
SZYMANSKI, Heloisa. Práticas educativas familiares e o sentido da constituição identitária. São Paulo. Paidéia, 2006.

THIN, Daniel. Para uma análise das relações entre famílias populares e escola: confrontação entre lógicas socializadoras. Revista Brasileira de Educação, v. 11 n. 32 maio/ago. 2006.

CONSIDERAÇÕES SOBRE O ENSINO DE ARTE

MÔNICA APARECIDA TEDALDI

RESUMO

O presente artigo, é resultado de revisão bibliográfica, que buscou levantar, ampliar e aprofundar conhecimentos sobre a arte educação no Brasil, especificamente a prática docente a ela relacionada. Muitas são as inquietações e dúvidas a respeito do ensino de arte, portanto, nesta pesquisa foram realizados esforços para elucidar questões, partindo de uma reflexão sobre o que é a arte e seu contexto histórico no Brasil. O papel e a importância que o tema desempenha na vida dos educandos foi explorado, para que se pudesse compreender melhor práticas de ensino e metodologias que orientem o trabalho do arte-educador de maneira significativa e enriquecedora para o processo de aprendizagem.

PALAVRAS-CHAVE: Educação, Arte, Ensino de Arte.

INTRODUÇÃO

Este estudo busca contribuir para a compreensão sobre o processo de organização do trabalho no ensino de arte, ressaltando a importância do papel da arte na formação das crianças, jovens e adultos, articulando estas questões com as concepções contemporâneas educacionais e artísticas.

A educação deve ser um processo intencional, interativo, significativo e dinâmico, portanto, uma boa programação em arte deverá contar com propostas que satisfaz a prática educativa, profissionais que entendam, apreciam e posicionam-se criticamente com relação às questões teóricas, metodológicas, sociais e culturais que norteiam o mundo da arte.

A pesquisa, buscou ampliar e aprofundar conhecimentos sobre a prática do ensino de arte e justifica-se por ser este um aspecto que tornou-se um dos problemas para o arte-educador, o qual, por ter que cumprir com os compromissos e conteúdos curriculares, muitas vezes deixa de elaborar oportunidades de aprendizagem significativas ao educando, afasta-se do objetivo maior do ensino da arte na escola, que é formar cidadãos sensíveis as manifestações artísticas e culturais, que favoreçam o desenvolvimento do processo educativo, consentindo crescimento gradativo e continuo do educando.

Para o alcance dos objetivos e desenvolvimento da pesquisa, far-se-á uso de revisão bibliográfica, de caráter qualitativo, estabelecendo o debate entre autores que abordam temas pertinentes ao estudo. Se-

rão, para isso, utilizados livros, periódicos e artigos científicos, e textos oficiais. Por meio dos procedimentos apresentados, espera-se alcançar dados e informações que possibilitem um conhecimento mais aprofundado sobre o tema, para que a reflexão e a discussão propostas sejam viabilizadas. Será feita uma contextualização acerca da História da Arte no Brasil, para que se possa situar este saber no tempo e na cultura da sociedade.

Por fim, ao ser abordada a relevância que o ensino da arte possui, serão apontados elementos sobre o ato de ensinar arte e os procedimentos metodológicos envolvidos no processo em questão.

HISTÓRIA DO ENSINO DA ARTE NO BRASIL

Considerando que a História do Ensino no Brasil implica na contemporaneidade, os registros devem ser revisados, buscando as origens de nossa cultura, o processo de desenvolvimento, os equívocos e o que ficou de melhor em todo este percurso histórico, para assim analisarmos reflexivamente o contexto atual contemporâneo.

Ao longo da História, houve avanços industriais e tecnológicos, na extração dos recursos naturais do nosso país, nas relações sociais e políticas e principalmente na construção de nossa cultura heterogenia, formada pelos imigrantes que fizeram parte da colonização. Todos estes fatos influenciaram de forma significativa o desenvolvimento e processo educacional.

O foco da Escola Nacional de Belas Artes era o ensino do desenho puramente como cópia, por meio de modelos europeus. A expressão da criança não podia ser manifestada, de modo que reprimia seus sentimentos, assim como sua imaginação. Esta realidade comprometia, inevitavelmente, a criatividade e até mesmo o desenvolvimento cognitivo.

Em Minas Gerais, o Barroco era o movimento em destaque, porém os franceses trouxeram como novidade o Neoclassicismo que foi aceito pela elite e governantes sendo visto como o “moderno”, porém disponível somente para os privilegiados economicamente que descartavam novas ideias, ridicularizando manifestações artísticas que não se enquadrassem nos padrões estabelecidos. Nesta época, o ensino pautava-se em uma concepção autoritária, na qual o valor estava no objeto, ou seja, no produto final.

As regras eram estabelecidas firmemente pelo professor, que cuidavam para que os estudantes as cumprissem sem questionamentos, exercendo autoridade máxima na relação entre estudante e professor. Furari e Ferraz (2010, p. 25) comentam que:

Na pedagogia tradicional o processo de aquisição dos conhecimentos é proposto através de elaborações intelectuais e com base nos modelos de pensamento desenvolvidos pelos adultos, tais como análise lógica, abstrata. Na prática, a aplicação de tais ideias reduz-se a um ensino mecanizado, desvinculados dos aspectos do cotidiano, e com ênfase exclusivamente no professor que passa para os alunos “informações” consideradas verdades absolutas.

Para a fixação e memorização de conteúdo, usa exercícios maçantes e muitas vezes não proporciona experiências significativas que aproximem a teoria da prática. Vestígios do ensino tradicional persistem até hoje. Fusari e Ferraz (2009, p. 45) afirmam:

Nessa concepção tradicional de educação, o que vale sempre é o produto a ser alcançado: é mais importante o resultado dos trabalhos do que o desenvolvimento dos alunos em artes. [...] Do ponto de vista metodológico, os professores, seguindo essa "pedagogia tradicional" (que permanece até hoje) encaminhavam os conteúdos através de atividades a serem fixadas pela repetição e tinham por finalidade exercitar o olho, a mão, a inteligência, a memorização, o gosto e o senso moral.

O surgimento da Escola Nova, entre 1950 e 1960 ocasionou determinadas mudanças na educação, as quais receberam influência do desenvolvimento súbito da indústria e relações políticas.

Esta pedagogia, nas aulas da arte, direcionava o ensino para a livre expressão. O estudante tinha liberdade para realizar seus trabalhos, não se restringindo aos modelos determinados. O processo criativo era totalmente valorizado com a intenção de desenvolver a criatividade sem preocupações com o resultado final.

A função do professor era oportunizar situações em que o estudante revelasse seus sentimentos, desenhando, pintando, criando, durante o fazer artístico. A individualidade do estudante era valorizada. Neste sistema de concepção espontânea, no qual o processo artístico deveria nascer do estudante, perdeu-se o direcionamento do conteúdo e simultaneamente a qualidade de aprendizagem. A avaliação consequentemente não apresentava coerência, pois não estava pautada em objetivos ou critérios.

Três autores/professores se destacaram por suas ideias e pesquisas na educação brasileira voltada ao Ensino de Arte, consolidando a Pedagogia Nova do século 20, entre eles merecem destaque: John Dewey (1900), Viktor Lowenfeld (1939) e Herbert Read (1943) o qual colaborou para formação de um dos movimentos mais importantes no ensino artístico.

Em nosso país, Augusto Rodrigues, com estrutura nos princípios da "Educação Através da Arte" organizou a criação da "Escolinha de Arte do Brasil", no Rio de Janeiro em 1948, estruturada nos princípios do livro de Read. Segundo Ferraz e Fuzari (2009, p. 49), nas palavras de Augusto Rodrigues, a Escola Nova:

Via o aluno como ser criativo, a quem se devia oferecer todas as condições possíveis de expressão artística, supondo-se que, assim, ao "aprender fazendo", saberiam fazê-lo, também, cooperativamente na sociedade. O ensino da arte, portanto, direciona-se para a expressão livre da criança e o reconhecimento de seu desenvolvimento natural. O movimento modernista favorece muito essa nova interpretação e surgem debates da livre expressão como um fator da formação artística e estética.

A espontaneidade e liberdade do estudante em produzir durante a Pedagogia Nova é o que deve ser considerado, por outro lado os vestígios da falta de planejamento e orientação deste momento, também são características entre professores nos dias de hoje, que não se preocupam em organizar conteúdos e metodologias que possibilitem a aprendizagem baseado nas dimensões científica, filosófica e artística do conhecimento na área de arte que por sua vez não podem ser desvinculados, pois são frutos da relação entre o mundo, o homem e o conhecimento.

As aulas de artes passam a ter um sentido terapêutico, como algo para relaxar, se descontrair, perdendo em qualidade e oportunidade de construção de conhecimento científico. Na tendência tecnicista, a escola se dedica em produzir indivíduos competentes para o mercado de trabalho.

O professor tem papel de especialista para transmitir esses conhecimentos, sua prática é extremamente controlada. Contudo, o professor torna-se neutro aos seus conteúdos e a educação se desenvolve por meio dos aspectos estruturais das salas de aula que devem estar bem equipadas para que o aprendizado consequentemente aconteça.

A escola está diretamente relacionada com o sistema produtivo, ou seja, o capitalismo, formando mão de obra especializada para o mercado de trabalho. Como afirma Libâneo (2006, p. 28):

A educação escolar compete organizar o processo de aquisição de habilidades, atitudes e conhecimentos específicos, úteis e necessários para que os indivíduos se integrem na máquina do sistema social global. [...] A escola atua, assim, no aperfeiçoamento da ordem social vigente, articulando-se diretamente com o sistema produtivo [...] seu interesse imediato é o de produzir indivíduos "competentes" para o mercado de trabalho.

Fusari e Ferraz (2009, p. 52) descrevem que na Pedagogia Tecnicista a atitude do professor:

Tende a ser responsável por seu planejamento, que deve se mostrar competente e incluir os elementos curriculares essenciais: objetivos, conteúdos, estratégias, avaliação. A dinâmica do ensino aprendizagem é questionada, pois o elemento principal é o sistema técnico de organização de aula e do curso. [...] Faz parte ainda deste contexto tecnicista a recomendação do uso abundante de recursos tecnológicos, audiovisuais, sugerindo uma "modernização" do ensino.

Nessa perspectiva, trata-se do sistema capitalista que necessita de produtividade e de pessoas capacitadas para o mercado de trabalho. Diante deste contexto, fica a cargo da educação estimular atividades de pesquisa e descobertas, o professor é responsável por aplicar essas técnicas e atividades, dessa forma, educar com a intenção de produzir indivíduos competentes para suprir a necessidade do sistema, ou seja, do mercado de trabalho.

Em consequência, o ensino da arte é direcionado a uma concepção mecanicista moldando agentes para produção, desconsiderando os objetivos da arte na escola, competências e habilidades realmente significativas para o processo de aprendizagem e desenvolvimento cognitivo do sujeito.

É possível verificar por esta breve retrospectiva da história do ensino da arte no Brasil, que muitos vestígios negativos das tendências anteriores nos restam nas aulas de arte em nossas escolas. Porém, não se deve desconsiderar os procedimentos pedagógicos e experiências anteriores, é importante buscar o equilíbrio, bom senso e a coerência entre as relações de ensino/aprendizagem.

Relacionar os registros da história do ensino da arte com o processo de desenvolvimento na atualidade, associando-os aos problemas e dificuldades da educação em todo seu contexto, nos leva a conhecer as diferentes linguagens de manifestações artísticas, valorizando as diversidades cul-

turais e compreendendo os princípios e valores éticos da sociedade contemporânea a fim de articular o fazer e o conhecer com reflexão, flexibilidade e sensibilidade.

Podemos, assim, entender os princípios conceituais da metodologia do ensino de artes e consequentemente realizar uma avaliação dialética que proporcione uma averiguação de conhecimentos, como também de um processo do desenvolvimento do educando, compreendendo que o mesmo está em constante transformação e esse utiliza de recursos expressivos que consistem em todo processo educacional o que pode colaborar com o desenvolvimento e expansão da capacidade de compreender a arte.

A IMPORTÂNCIA DA ARTE E SUAS POSSIBILIDADES METODOLÓGICAS

O ser humano produz arte desde o início de sua existência e por meio dela expressa sua compreensão de mundo, daquilo que vê e sente dentro do seu contexto sociocultural.

Uma obra de arte expressa o espírito da época em que foi feita, bem como o contexto e os valores sociais. Além disso, são também expressos pela arte valores culturais e econômicos. Manifestações artísticas demonstram a história do mundo, o que faz da arte uma linguagem que não encontra barreiras na língua e pode de ser entendida em todo o mundo. Tais informações se confirmam, segundo as palavras de Martins (1998, p. 62):

Nesse sentido, pode-se afirmar que toda obra de arte é datada. Não só pelos assuntos, temáticas tratadas específicas de cada tempo histórico, recursos materiais e instrumentos de cada época, técnicas, estilos, escolas e movimentos, mas também e principalmente pela figura de seu autor, de sua poética.

Há tempos se discutem a importância da arte na educação escolar. Sabemos que é uma das poucas disciplinas que nos dá a liberdade de escolher a maneira de se expressar e que nos leva a investigar e refletir sobre nossa história, por meio dos registros de manifestações artísticas de gerações passadas do mundo inteiro.

Observa-se que crianças envolvidas em atividades artísticas na escola se desenvolvem melhor na fala e na escrita, se expressam com facilidade e articulam informações que aos poucos se tornam conhecimento através deste contato inicial com a arte. Todas estas contribuições produzidas em sala de aula, por intermédio de atividades significativas, favorecem o desenvolvimento sociocultural do educando.

Desde a infância vamos fazendo relações visuais, táteis e sonoras com o mundo, tudo que nos rodeia nos influencia na maneira de ser e agir. Neste repertório de imagens e sons vão se agregando novas informações, construindo conceitos e conhecimentos. Interagimos com as manifestações artísticas e culturais, vamos desenvolvendo gradativamente nosso gosto e apreciação pela arte. Segundo Fusari e Ferraz (2009, p.18):

É a importância devida à função indispensável que ocupada a arte na vida das pessoas e na sociedade desde os primórdios da civilização, o que a torna um dos fatores essenciais de humanização. É fundamental entender que a arte se constitui de modos específicos de manifestação da atividade criativa dos seres humanos, ao in-

teragirem com o mundo em que vivem ao se conhecerem e ao conhecê-lo.

Quantos recursos visuais uma obra de arte nos permite ter? Além das formas, cores, diversidade de materiais, elementos visuais, uma obra de arte nos faz pensar sobre o contexto em que foi realizada, na história e nos costumes de uma civilização, na sua forma de se expressar e sentir sobre as situações do cotidiano em um local e em um tempo determinado.

A arte é capaz de mobilizar a vida das pessoas, é evidente que em algum momento a arte seria indispensável na educação escolar e assim passamos a assumir a necessidade de ensinar arte nas instituições de ensino. Para isto, nos comprometemos em rever as metodologias aplicadas em sala de aula e envolvê-las ao contexto e universo artístico. Para Fusari e Ferraz (2009, p. 25):

Ao assumirmos que a arte pode e deve ser ensinada e aprendida na escola, assumimos também outro compromisso, a necessidade de trabalhar e refletir sobre a organização pedagógica direcionada às inter-relações artísticas e estéticas junto aos estudantes quer sejam crianças, jovens, jovens adultos ou adultos.

A escola é o lócus onde se ensina, o conhecimento sistemático, onde os vínculos entre a cultura social e o conhecimento científico se complementam para o aprimoramento e desenvolvimento. Isso não significa que este aprendizado deve ser maçante e autoritário.

Partindo de investigações sobre o público escolar, podemos organizar propostas metodológicas que oportunizem situações de aprendizagem próximas à realidade dos alunos. Porém, devemos nos conscientizar que em uma sala de aula há muitas diferenças sociais, culturais e cognitivas. Muitas vezes encontrar um método e atividades que correspondem ao mundo do aluno, é uma tarefa conflitante entre a teoria e a prática educativa.

O arte-educador que ama o que faz, busca meios para atingir seus objetivos, dá sentido as manifestações artísticas, ao conteúdo e as atividades escolares, transmitindo conhecimento, desenvolvendo o senso crítico e estimulando a apreciação da arte entre seus aprendizes. Segundo Martins (1998, p. 94):

Compreender a trajetória expressiva da criança é uma tarefa instigante. Os sistemas educacionais, as oportunidades oferecidas, os valores culturais, as predisposições genéticas colorem de forma particular as produções, percepções e concepções artísticas das crianças.

Em suas práticas pedagógicas o educador convive com situações de constantes mudanças culturais. Mudanças que influenciam particularmente cada indivíduo em cada etapa de desenvolvimento.

Neste crescimento contínuo há uma troca entre o conhecer e o produzir arte, o fazer e o interpretar, desse modo, o arte-educador deve estar atento a estas transformações do aluno e da sociedade, acompanhando o processo evolutivo do conhecimento do ensino/aprendizagem. Para Martins (1998, p.128):

Nessa perspectiva, ensinar que etimologicamente significa apontar signos é possibilitar que o outro construa sentidos, isto é, construa signos internos, assimilando e acomodando o novo em novas possibilidades de compreensão de conceitos, proces-

sos e valores.

Por meio destas reflexões, o processo de criação simultaneamente também sofre modificações, é necessário pesquisar e refletir sobre todos os aspectos que envolvem a vida do homem contemporâneo, buscando formas de expressar uma linguagem à altura do entendimento do espectador sem perder a essência de comunicação, de criatividade e a relação de como os símbolos influenciam na compreensão do homem com o mundo externo, pois a imagem amplia as possibilidades de entendimento dando subsídios para diversas reflexões.

Contudo, a arte através de linhas, formas, texturas e cores produzem novas imagens a cada instante que tocam o íntimo do ser humano provocando sensações, desejos e uma análise geral do contexto, desde que esteja situado às mudanças e às novas expectativas do homem pós-moderno. A comunicação entre as pessoas e o mundo não acontece apenas através da linguagem verbal, ou seja, pela palavra propriamente dita. A comunicação contemporânea vai muito além de o que é vivido.

Além da soma de referências visuais, sonoras, táteis, por intermédio dos conhecimentos adquiridos, os indivíduos se apropriam de tal forma das linguagens a ponto de dar sentido a elas. Sem dúvida, este sentido se diferencia a cada indivíduo, pois identificam os signos de maneira própria e particular.

Partindo destas interpretações, pode-se compreender o mundo e as manifestações culturais. Segundo Martins (1998, p. 104):

A função simbólica é o centro do processo de ensino-aprendizagem, seja formal ou informal, a criança constrói seus símbolos. Através de suas ações e de diferentes formas de linguagem, representa os objetos e ações sobre eles, representando também seus conceitos.

Mas como organizar um processo de ações pedagógicas que oriente o docente a levar o educando a aprendizagem? Por onde começar? Quais os propósitos primordiais para o ensino da arte?

Dar sentido a todas estas questões é que as tornam importantes para produzirmos um planejamento que esteja inerente às condições de aprendizagem do educando. E assim vêm novas perguntas: como aproximar a teoria da prática educativa, bem como referenciar e subsidiar essa prática? Como pensar na arte interagindo com o ato de ensinar e aprender? Segundo Martins (1998, p. 46):

Pensar no ensino de arte é, então, pensar na leitura e produção na linguagem da arte, o que, por assim dizer, é um modo único de despertar a consciência e novos modos de sensibilidade, isso pode nos tornar mais sábios, seja sobre nós mesmo, o mundo ou as coisas do mundo, seja sobre a própria linguagem da arte. A partir da soma dos estudos de vários teóricos do ensino de arte, podemos estruturar três campos conceituais que são fundamentais para o ensino da arte: Criação/produção; Percepção/análise; Conhecimento e contextualização conceitual-histórico-cultural da produção artístico-estética da humanidade.

Estes três campos conceituais, criar, analisar e contextualizar sobre a produção artística norteia a prática metodológica do ensino da arte. No entanto, fazer uma mistura de tendências pedagógicas, muitas vezes

não proporciona o aprendizado. O professor adapta os recursos e ações pedagógicas desvinculadas aos conteúdos, não se atenta ao processo de avaliação e se afasta gradativamente dos objetivos da disciplina.

O currículo concebe a arte como uma prática humano-social e propõe três eixos metodológicos: a humanização dos objetos e dos sentidos que se referem à construção e formação dos sentidos, a familiarização cultural que é a proximidade entre o aluno com a arte, por meio do convívio em ver, sentir, ouvir, conhecer e apreciar a arte e por último, porém não menos importante, o trabalho artístico em que é preciso praticar a arte, conhecer técnicas, criar, experimentar, desenvolver ideias, enfim: o fazer. Como organizar toda esta metodologia?

A proposta curricular organiza as ações a serem realizadas para se alcançar as metas estimadas no planejamento anual, que é elaborado partindo da realidade da escola, tendo como apoio o Projeto Político Pedagógico que oferece condições básicas, desde que seja um documento construído democraticamente pelos responsáveis da instituição.

As diretrizes de uma instituição escolar devem estar pautadas como um todo na escolha dos conteúdos, na metodologia de ensino, nos objetivos, nos projetos, nos recursos didáticos e na avaliação.

A organização de toda esta estrutura que garante o funcionamento do ensino/aprendizagem no meio escolar. A proposta escolar, em hipótese alguma pode ser um documento rígido e inflexível.

Nos dias contemporâneos, as mudanças são constantes e devem estar em articulação com os encaminhamentos metodológicos, pois o currículo escolar é um documento que auxilia a prática e deve ter flexibilidade a modificações, de acordo com as necessidades e mudanças que vão surgindo no decorrer do caminho. “O currículo é um elo entre a declaração de princípios gerais e sua tradução operacional” (COLL, 1998).

Considerando esta afirmação, o currículo viabiliza as bases teóricas com as diretrizes práticas nelas fundamentadas. É importante refletir sobre a prática educativa e a proposta curricular subsidia e dá referências para esta prática.

Nos componentes do currículo, Saviani (2003), dá enfoque a três: O que ensinar? Quando ensinar? Como ensinar? Os conteúdos e objetivos estão relacionados há que ensinar. Sobre a forma de ordenar e dar sequência aos conteúdos e objetivos estão relacionados os outros dois enfoques, quando e como ensinar.

Como eixo estruturador do currículo sob os três enfoques, na abordagem da relação escola/sociedade, fazem referência à crítica, à visão ingênua de que existem possibilidades de transformação da sociedade pela ação da educação escolar, concebendo-a, ao contrário como determinante socialmente.

Saviani (2003) também salienta a necessidade de que o ensino deve se organizar com bases nas situações vivenciais dos alunos e suas experiências.

Analisar e refletir sobre a produção artística em um contexto histórico do próprio autor.

[...] Espera-se que os alunos, progressivamente, adquiram competências de sensibilidade e de cognição [...] perante a sua produção de arte e o contato com o pa-

trimônio artístico, exercitando sua cidadania cultural com qualidade (BRASIL, 1997, p. 63).

Contudo, é importante manter o foco no aluno e o cotidiano de sala de aula, sua vivência e as ações pedagógicas, aos conteúdos e os objetivos deseja-se alcançar com eles, abordando a importância do Ensino da Arte contextualizando com a história e o mundo em que vivemos.

Fundamentar nossas ações pedagógicas considerando a leitura que os alunos fazem das manifestações artísticas e culturais articulando com a produção da linguagem no ambiente escolar é contribuir com a construção permanente de conhecimentos interdisciplinares.

METODOLOGIA DO ENSINO DA ARTE

A comunicação entre as pessoas e o mundo não acontece apenas através da linguagem verbal, ou seja, pela palavra propriamente dita. A comunicação contemporânea vai muito além de o que é vivido.

Além da soma de referências visuais, sonoras, táteis, por intermédio dos conhecimentos adquiridos, os indivíduos se apropriam de tal forma das linguagens a ponto de dar sentido a elas. Sem dúvida, este sentido se diferencia a cada indivíduo, pois identificam os signos de maneira própria e particular.

Mas como organizar um processo de ações pedagógicas que oriente o docente a levar o educando a aprendizagem? Por onde começar? Quais os propósitos primordiais para o ensino da arte?

Dar sentido a todas estas questões é que as tornam importantes para produzirmos um planejamento que esteja inerente às condições de aprendizagem do educando. E assim vêm novas perguntas: como aproximar a teoria da prática educativa, bem como referenciar e subsidiar essa prática? Como pensar na arte interagindo com o ato de ensinar e aprender?

Estes três campos conceituais, criar, analisar e contextualizar sobre a produção artística norteia a prática metodológica do ensino da arte. No entanto, fazer uma mistura de tendências pedagógicas, muitas vezes não proporciona o aprendizado. O professor adapta os recursos e ações pedagógicas desvinculadas aos conteúdos, não se atenta ao processo de avaliação e se afasta gradativamente dos objetivos da disciplina.

O currículo concebe a arte como uma prática humano-social e propõe três eixos metodológicos: a humanização dos objetos e dos sentidos que se referem à construção e formação dos sentidos, a familiarização cultural que é a proximidade entre o estudante com a arte, por meio do convívio em ver, sentir, ouvir, conhecer e apreciar a arte e por último, porém não menos importante, o trabalho artístico em que é preciso praticar a arte, conhecer técnicas, criar, experimentar, desenvolver ideias, enfim: o fazer. Como organizar toda esta metodologia?

A proposta curricular organiza as ações a serem realizadas para se alcançar as metas estimadas no planejamento anual, que é elaborado partindo da realidade da escola, tendo como apoio o Projeto Político Pedagógico que oferece condições básicas, desde que seja um documento construído democraticamente pelos responsáveis da instituição.

As diretrizes de uma instituição escolar devem estar pautadas como um todo na escolha dos conteúdos, na metodologia de ensino, nos objetivos, nos projetos, nos recursos didáticos e na avaliação.

A organização de toda esta estrutura que garante o funcionamento do ensino/aprendizagem no meio escolar. A proposta escolar, em hipótese alguma pode ser um documento rígido e inflexível.

Nos dias contemporâneos, as mudanças são constantes e devem estar em articulação com os encaminhamentos metodológicos, pois o currículo escolar é um documento que auxilia a prática e deve ter flexibilidade a modificações, de acordo com as necessidades e mudanças que vão surgindo no decorrer do caminho. “O currículo é um elo entre a declaração de princípios gerais e sua tradução operacional” (COLL, 1998).

Considerando esta afirmação, o currículo viabiliza as bases teóricas com as diretrizes práticas nelas fundamentadas. É importante refletir sobre a prática educativa e a proposta curricular subsidia e dá referências para esta prática.

Nos componentes do currículo, Saviani (2003), dá enfoque a três: O que ensinar? Quando ensinar? Como ensinar? Os conteúdos e objetivos estão relacionados há que ensinar. Sobre a forma de ordenar e dar sequência aos conteúdos e objetivos estão relacionados os outros dois enfoques, quando e como ensinar.

Como eixo estruturador do currículo sob os três enfoques, na abordagem da relação escola/sociedade, fazem referência à crítica, à visão ingênua de que existem possibilidades de transformação da sociedade pela ação da educação escolar, concebendo-a, ao contrário como determinante socialmente.

Contudo, é importante manter o foco no estudante e o cotidiano de sala de aula, sua vivência e as ações pedagógicas, aos conteúdos e os objetivos deseja-se alcançar com eles, abordando a importância do Ensino da Arte contextualizando com a história e o mundo em que vivemos.

Fundamentar nossas ações pedagógicas considerando a leitura que os estudantes fazem das manifestações artísticas e culturais articulando com a produção da linguagem no ambiente escolar é contribuir com a construção permanente de conhecimentos interdisciplinares.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio deste estudo foi possível compreender que o ensino da arte deve ser desenvolvido nas escolas como uma disciplina que desempenha um papel de grande relevância para e que contribui de maneira significativa para o desenvolvimento sociocultural do educando.

É recomendável que o estudante tenha conhecimento da arte que foi e é produzida em seu contexto social e no mundo que o cerca, para que possa fazer articulações com o presente, o passado e as perspectivas do futuro.

Além de levar o indivíduo a conhecer outras sociedades e outros pensares diferentes ou talvez parecidos com o seu, a Arte possibilita ao estudante refletir o significado e a importância das mais diversas manifestações culturais sejam elas de artes visuais, dança, música ou teatro. Por meio da arte todos os sentidos são solicitados e o estu-

dante pode, numa dimensão mais poética, transformar continuamente sua existência.

Ao longo da pesquisa, foram mobilizados conhecimentos a respeito das possíveis definições sobre o conceito de arte, além de importantes reflexões sobre a história da arte no Brasil.

A partir de tais noções, foi possível realizar um aprofundamento sobre o ensino de arte, os desafios e inquietações que esta prática pode suscitar no cotidiano escolar. São inúmeras as preocupações em relação ao ensino da arte. A falta de credibilidade na disciplina, a ausência de exemplares teóricos específicos da área que auxiliem o trabalho do professor e muitas vezes o despreparo profissional dificulta a organização de conteúdos adequados à realidade escolar, métodos e critérios avaliativos que proporcionem um aprendizado significativo. O professor arte-educador deve ter como objetivo de suas metodologias, proporcionar a proximidade da práxis educativa.

O papel do professor é justamente apresentar todas essas possibilidades aos estudantes e fazer com que eles façam uma relação com suas próprias vidas, só assim o ensino da arte, e de qualquer outra disciplina, vai tornar-se interessante.

Sendo assim, a Metodologia do Ensino de Arte deve estar vinculada às atuais orientações das Diretrizes e Bases da Educação Escolar, que os materiais didáticos pedagógicos estejam em consonância com os objetivos previstos para o processo de ensino e que a avaliação tenha caráter de um processo de construção contínuo, estando coerentes as características de seus educandos.

REFERÊNCIAS

BARROCO, S. M. S.; CHAVES, M.; FAUSTINO, R. C. Intervenções pedagógicas na educação escolar indígena: Contribuições da Teoria Histórico Cultural. 2.Ed. Maringá: Eduem, 2010.

_____. S. M. S. Psicologia Educacional e Arte. Uma leitura histórico-cultural da figura humana. Maringá: Eduem, 2007.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: arte / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997.

COLL, C. Psicologia e currículo: uma aproximação psicopedagógica a elaboração do currículo escolar. São Paulo: Ática, 1998.

FUSARI, M. F. de R.; FERRAZ, M. H. C. de T. Metodologia do Ensino de Arte: Fundamentos e proposições. São Paulo: Cortez, 2009.

KOSIK, K. Dialética do concreto. São Paulo: Paz e Terra. 1995.

LIBÂNEO, J. C. Democratização da Escola Pública: a pedagogia crítico-social dos conteúdos. 21 ed. São Paulo: Loyola, 2006.

MARTINS, M. C.; PICOSQUE, G. Didática do Ensino da Arte a Língua do Mundo: Poetizar, fruir e conhecer arte. São Paulo: FTD, 1998.

READ, H. A Educação Pela Arte. São Paulo: Martins Fontes, 1970.

SAVIANI, N. Saber escolar, currículo e didática: problemas da unidade conteúdo, método no processo pedagógico. 4 ed. Campinas, SP: Autores associados, 2003.